

CASAMENTO: UM ESTUDO A PARTIR DOS ORGANIZADORES

FAMILIARES. Mônica Martins de Oliveira, Francisco Hashimoto, Juliana de Freitas Malagola, Roselaine Fernanda Barbosa, Talita Tinello Mendonça, Tássia Roberta Lourenço Gimenez. - Humanas - Psicologia – Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho – Faculdade de Ciências e Letras “Júlio de Mesquita filho” – Campus de Assis.

A pesquisa propôs-se a investigar e compreender como ocorre o processo de constituição da família, a partir dos organizadores familiares. Para tanto, utilizou-se do referencial teórico da família de orientação psicanalítica, visando analisar a manifestação do inconsciente humano e a dinâmica do funcionamento psíquico dos casais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e os dados foram coletados por meio de entrevista de três casais, escolhidos aleatoriamente. Nas entrevistas, resgatou-se a história familiar de cada participante, a forma como se deu a escolha do parceiro e as expectativas em relação à constituição de um novo espaço. Mediante a análise do material obtido, foi possível presenciar a dinâmica do funcionamento psíquico de cada casal e observar três diferentes tipos de escolhas.

O trabalho considerou os organizadores do psiquismo familiar que, segundo Eiguer (1985), são a escolha do objeto (parceiro), o eu familiar e a *interfantasmaticização*. Estes contribuem para a reunião dos psiquismos individuais, que uma vez juntos, caracterizarão a família.

A escolha do objeto (parceiro) não é feita ao acaso, pois envolve a participação do inconsciente individual e sua busca pela resolução do complexo de Édipo. Tal escolha é importante para a consolidação e a organização inconsciente do casal, pois os dois parceiros entrecruzam objetos inconscientes, e a relação sentimental se alimenta desta descoberta de um parceiro, que é uma redescoberta e ao mesmo tempo resultado do amor infantil. Reunião nova que adota, assim, uma dimensão organizadora.

Para Eiguer (1985) existem três tipos de escolha: edípica, anaclítica e narcisista. A escolha edípica é uma escolha mais adulta, própria das estruturas neuróticas, baseada no diálogo e respeito mútuo. A escolha do objeto sexual, ao mobilizar os inconscientes individuais, dá nascimento ao inconsciente do casal e, em seguida, ao da família.

Na escolha anaclítica busca-se um parceiro que permita encontrar um apoio (mãe ou pai da infância), ligado à pulsão de conservação. Não se trata, como na edípica, de uma identificação ativa e adulta ao pai do mesmo sexo no processo amoroso, mas de uma identificação parcial e narcisista à atitude infantil do próprio sujeito. Propõe uma relação complementar infantilizante para um e acentua novamente o papel parental para o outro.

Na escolha narcisista busca-se um objeto que se assemelhe ao que se é, ao que se foi, ao que se gostaria de ser ou à pessoa que foi uma parte de si próprio. Neste tipo de relação cada membro demonstra uma valorização apenas de si mesmo, transformando o relacionamento numa constante competição, cujo objetivo principal é exercer domínio sobre o outro. Tendem a ser pouco gratificadores e a apresentar dificuldades de reconhecimento.

O eu familiar, segundo organizador, é caracterizado pela forma com a qual o indivíduo se sente integrado à família e refere-se ao *habitat* interior, ao sentimento de pertença e ao ideal de ego familiar.

O *habitat* é, de alguma maneira, a base do reconhecimento grupal, no sentido de gratidão e de conhecimento intimista. Uma vez consolidado o *habitat* interior, a família pode se sentir mais contida; num segundo tempo, o *habitat* exterior, pelas marcas que ele deixa no *habitat* interior, torna-se um lugar de prazer e gratificação.

O sentimento de pertença reúne os sentimentos que cada membro da família experimenta em relação ao conjunto do grupo, uma sensação de proximidade particular, a recordação de um passado comum e uma genealogia comum.

O ideal do ego familiar seria um organizador fundamental dos vínculos e da estabilidade do grupo, ele permite a expectativa e ao mesmo tempo adiamento da satisfação das pulsões, pelo fato de sua função reguladora facilitar os compromissos entre desejo e defesa. Para satisfazer o ideal de ego familiar, a família possui um projeto, organiza um plano e torna disponíveis os meios necessários para atingi-lo.

Enquanto terceiro organizador, a *interfantasmaticização* ou atividade *interfantasmática* da família pode ser considerada como ponto de encontro dos fantasmas individuais de cada membro, próximos por seu conteúdo. Esta *interfantasmaticização* inconsciente inspira a atividade fantasmática consciente, isto é, a criação de um espaço transicional de intercâmbios, de humor, de criatividade, de relatos referentes à própria história de cada um e dos ancestrais.

A análise dos dados mostra que: No discurso do primeiro casal, composto por P. e A.C., parece ser possível observar que sobre a sua história familiar, P. demonstra uma necessidade de não refletir sobre este aspecto e rapidamente desvia o assunto. Já A.C., quando se referiu ao relacionamento de seus pais, não encontrou grandes problemas para relatar seu passado, demonstrando uma maior facilidade para lidar com os problemas.

Sobre a escolha do parceiro, P. parece demonstrar uma preocupação com a figura de autoridade, talvez por não se sentir contido e protegido por sua mãe. Daí, a escolha por A.C. que prontamente se dispôs a cuidar dele, preenchendo sua lacuna interna para que este pudesse se sentir seguro.

A escolha de A.C. parece ter sido mais consciente, como se ela soubesse que procurava uma pessoa frágil, pois pelo seu relato, pode-se perceber que sempre foi mais madura e mais dominadora. A.C. torna-se a substituta de uma carência afetiva dele. A entrevista do casal sugere ser uma escolha anaclítica. O encontro da carência de P. com o instinto maternal de A.C. constitui o forte elo de dependência que caracteriza a formação e a organização desta família.

No que se refere às expectativas do casal com relação à constituição de um novo espaço, o ideal de ego familiar que as determina provém da família de A.C. Isso parece ficar evidente com a maior proximidade deles com a família dela. O habitat interior parece ser influenciado, predominantemente, pela família de A.C., marcado mais pelos traços de seu passado do que pelos de P., mas os traços do passado dele também estão presentes na relação.

Considerando estes dados, este primeiro casal parece apresentar uma escolha anaclítica, escolha regressiva em relação à dissolução edípica, pois se verificou que o bom funcionamento da união está baseado na dependência do marido em relação à esposa, e do desejo da mesma em dominá-lo. Desta forma, eles se completam. Há uma busca de um parceiro que represente apoio, sendo assim uma relação de proteção.

N. e C. compõem o segundo casal, que quando perguntados sobre a história familiar, relataram diferenças entre a família dos dois. N. sente a pertença e traz lembranças de sua família. Já C., durante a infância, parece ter sofrido com a separação dos pais que ocorrera aos oito anos. Sente-se como parte da família, mas encontra dificuldades para se relacionar com os mesmos, não conseguindo se aproximar deles embora tenha relatado seu desejo em fazê-lo. Teve várias dificuldades para conseguir estruturar o espaço familiar, passou por diversas mudanças de residência e modificações no núcleo familiar, consideradas como fases de angústias e desequilíbrios que trouxeram insegurança. Entretanto, apesar das adversidades, ele foi consolidado e a representação desse espaço sugere tranquilidade e sentimento de contenção.

C. demonstra receio em se aproximar de alguém que não conhece bem. Provavelmente, esse receio decorre da possibilidade de que a pessoa a decepcione, medo do abandono da infância. Ela afirma ter brigado muito com N. durante o namoro. Sentia os motivos das discussões como questões importantes, querendo testar o namorado, verificar se ele realmente queria permanecer ao seu lado.

Com base em nestes dados, C. parece ter realizado uma escolha edípica, mais especificamente uma escolha edípica defensiva, já que escolheu alguém oposto ao pai que a decepcionou. Esta escolha colabora com seu ideal de ego.

N. parece também ter realizado uma escolha edípica, pois seu ideal de ego é ser igual aos seus pais, tentar seguir os mesmos modelos, visando alcançar objetivos semelhantes aos deles, que seriam constituir uma família onde haja felicidade e fidelidade. Além disso, valoriza muito o aspecto financeiro, buscando segurança e tendo sempre um planejamento. Ele encara as dificuldades como algo natural na convivência de um casal e tenta resolvê-las através do diálogo.

Em relação às expectativas de N. quanto à constituição de um novo espaço, nota-se indícios de insegurança, contudo, ele se mostra sempre propenso a colaborar para uma forte consolidação do casamento. Em C. parece haver expectativa em seguir o modelo de felicidade dos avós, uma vez que seu ideal de ego seria seguir o modelo de felicidade matrimonial dos avós e se afastar da história conjugal dos pais que não se mantiveram unidos. As expectativas quanto a ter um filho parecem ser

grandes, revelando que toda a fantasia de mudança colabora com o ideal de ego de ter uma organização familiar bem sucedida.

Pelo o que foi exposto, constatou-se que foi realizada uma escolha edípica, dando margem ao amadurecimento da relação. Neste casal, o habitat interior parece estar bem estabelecido, e o fato de ambos fazerem terapia pode demonstrar uma busca por um maior conhecimento de si e conseqüentemente favorecer o crescimento da relação matrimonial.

O terceiro casal, S. e A., apresenta divergências ao falarem de sua relação e ao relatarem sua história familiar, as diferenças se mantêm. Observa-se que S. não se aprofundou no relato de sua vida com os pais e tentou enfatizar durante sua fala seu maior equilíbrio em relação ao irmão, procurando demonstrar uma aparente unidade na família. Em A. as lembranças que se remetem a infância estão ligadas ao fato dela ser filha única e por esse motivo se considerar o centro das atenções de seus pais, que em sua opinião tiveram sempre uma ótima relação. Considera ter tido um relacionamento muito forte com o pai e menciona falecimento deste como um fato marcante e traumático, digno de um intenso sentimento de perda.

S. demonstrou dificuldade em falar sobre a escolha do objeto, tentando afastar-se do assunto e procurando esconder problemas familiares, apontados pela própria esposa. Ela revelou que existe um conflito relativamente sério entre o seu filho mais velho e o filho mais novo, e mesmo entre o marido e filho mais velho, o que não foi citado em nenhum momento por S. A esposa fala sobre as dificuldades da relação, enquanto o marido procura manter uma imagem idealizada do casamento.

Neste ponto, é possível levantar hipóteses sobre uma escolha narcísica, já que o entrevistado busca demonstrar uma perfeição no meio familiar que não corresponde à realidade da relação. Este quadro revela uma competitividade presente na dinâmica do casal, onde um sempre mede forças com o outro e não aceita ser submetido. Outra peculiaridade do casal é o fato de dormirem em camas separadas, apesar de enfatizarem tanto sua união e apresentarem preocupações diferentes, ela com a relação dos filhos e do marido e ele com o pai.

Os filhos aparecem como problema e não como enriquecimento funcional. O casal também demonstrou uma mudança na maneira de encarar a vida matrimonial e o ideal de ego parece ter se moldado à nova realidade. Dessa forma observamos que, apesar de apresentarem uma escolha narcísica, algumas falas sugerem algumas características edípicas, já que, aparentemente, estão abertos à mudança e à construção de um novo espaço. O convívio acrescido de um acúmulo de experiências e o maior distanciamento em relação aos genitores podem ter influenciado nesta evolução. Em síntese, o casal três apresentou uma escolha predominantemente narcisista, na qual o sentimento de pertença é frágil e o habitat interior não se encontra bem estabelecido.

Analisando as entrevistas dos três casais, constatou-se que as escolhas foram baseadas nas experiências ressignificadas na infância que, uma vez formadas, interferem no dia-a-dia do casal, influenciando sentimentos de pertença, a organização do espaço e o ideal de ego familiar. No entanto, as referidas escolhas e relações não são necessariamente definitivas e podem modificar-se ao longo do convívio matrimonial, desde que haja uma mobilização em um ou ambos os parceiros, resultando numa ressignificação da dinâmica do casal.

Referências Bibliográficas

BERENSTEIN, I. *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta, 1988.

BERLINK, M. T. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escrita, 2000.

BLEGER, J. *Temas em psicologia: Entrevista e grupo*. Trad. Rita Maria M. de Moraes. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

EIGUER, A. *Um divã para a família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MEZAN, R. A Vingança da Esfinge. In: *Ensaio de Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1995.